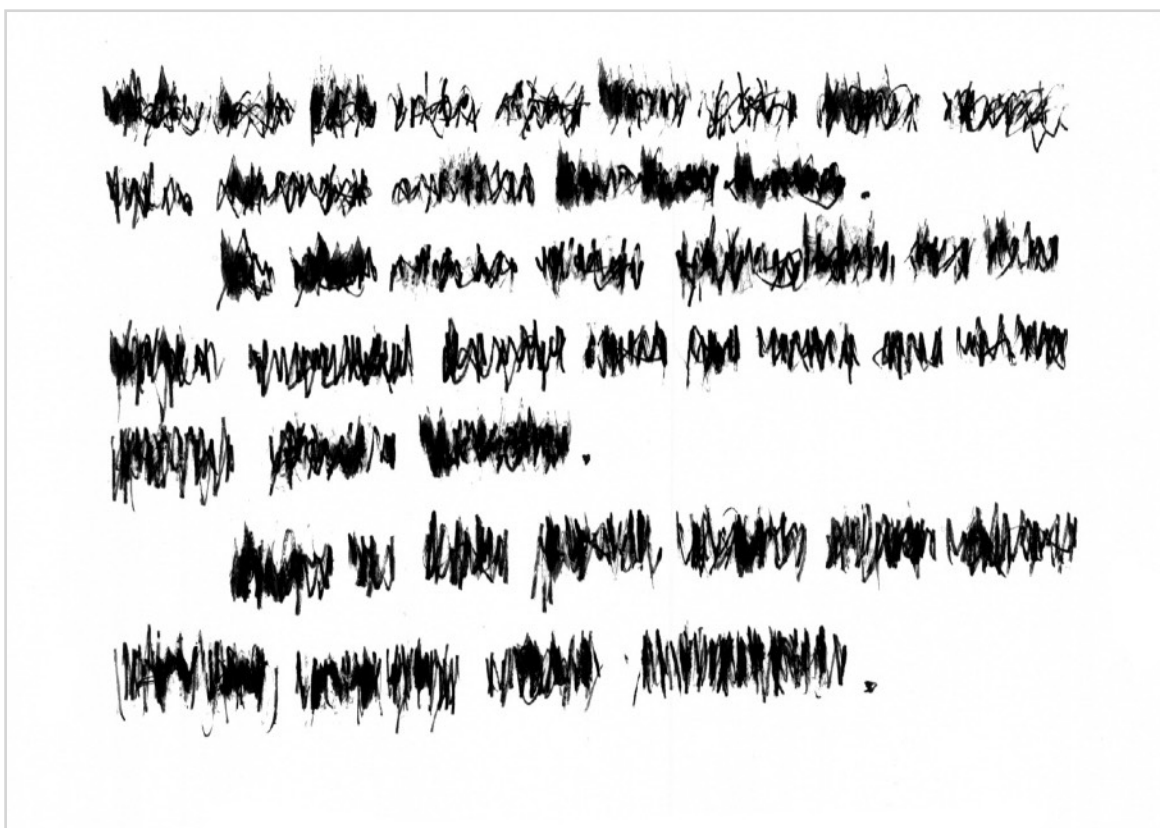


poesia postal

//

04



poesia postal

//

04

Poemas de André Osório,
Artur Barosa, Elisa Scarpa, J.
A. Nunes Carneiro,
Margarida Neves, Maria
Frazão, Maria Joana
Almeida e Miguel Reis
inspirados num desenho de
Nuno Lacerda Lopes
Dezembro de 2024

BIBLIOTECA

Pessoas que vão e vêm
entre as estantes do espaço
recortadas e se alojam
num silêncio milenar.

ANDRÉ OSÓRIO

«talvez as letras sejam redundantes»

talvez as letras sejam redundantes

talvez as queiramos apagar

- como se o arrependimento fosse inevitável -

- também as palavras o são -

mas se há algo que sabemos é que

podemos apagar as palavras

mas nunca a voracidade com que as

escrevemos

ARTUR BAROSA

«Alinhas no pano ou no papel»

Alinhas no pano ou no papel

Os parágrafos?

Depois de escritos ou cerzidos

Há que apagá-los

Escondê-los

Dar-lhes o segredo

Do invisível

Na planície do ver

Em intervalos desiguais

Palpita o enredo do

Negro

O tangível

Que poderás

Amar

Nesse oásis

De parágrafos.

ELISA SCARPA

ESCREVER

as palavras

procurando o leitor

e lutando contra os riscos da censura

as palavras

sempre as palavras

se as não podemos escrever

teremos de as dizer

e gravar na memória

as palavras

sempre as palavras

J. A. NUNES CARNEIRO

BEM ME QUER... MAL ME QUER

não é simples desfolhar palavras
a não ser algumas como rimar
que, bem desfolhadas, nos deixam
um sorriso nos lábios e a esperança
da imensidão do azul

gosto de imaginar em amortecer
duas pétalas e trocar-lhes a ordem
criando uma tapeçaria de afetos

mas nesta ardente angústia de louvar a vida
nem sempre é bom brincar com as palavras
e o melhor é ignorar o que alguns escrevem –
riscar a cobiça, o ódio e a raiva

MARGARIDA NEVES

DO OUTRO LADO DO ESPELHO

foste embora e eu continuei a falar contigo
sozinha falava alto acerca de livros
e de vestidos e perfumes e exposições
e de músicas novas nunca ouvidas
para as quais te escrevia a letra

todos os dias desde esse dia falávamos os dois
e eu até ouvia a tua voz que me respondia doce
em longas e impudicas conversas
cheias de beijos claros e perdidos
nas nossas mãos entrelaçadas

depois tu deixaste de confiar em ti
e desvaneceram-se as palavras
e já só te oiço agora
do outro lado do espelho

MARIA FRAZÃO

A PALAVRA QUE TRANSBORDOU

destruí a poesia
quando na fileira desarmada
pelo refúgio da culpa
transbordei a palavra
num caos
que em cadência curta
prende a liberdade

MARIA JOANA ALMEIDA

«Às vezes dá-me para escrever»

Às vezes dá-me para escrever
poemas em modo rápido - as
letras e as palavras
ultrapassam o pensamento numa
espécie de déjà vu ortográfico
Depois ando ali à volta deles
como os cães fazem com os
postes - aromas conhecidos -
quem passou por lá - velhos
amigos - ódios de estimação
Procuro melhorá-los - retiro
daqui- coloco acolá - retiro
sempre muito mais do que coloco
até ficar quase sem poema - o
mais das vezes não melhoram -
acontece precisamente o
contrário e depois não há volta
a dar - resta-lhes o lixo e a
mim a desolação de continuar à
procura - ou então sair de casa
- o calor do sol sem poemas dentro

poesia postal

//

04

30.Dezembro.2024

www.elefante-editores.net